

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO E CONFRONTO ENTRE TERRITÓRIOS

Margarita Rosa Gaviria M.¹

Início esta apresentação com uma referência a proposta teórica de Mormont (1997) que nega uma visão unificada do espaço e defende a hipótese da interdependência ecológica. Por interdependência ecológica entende o processo no qual as atividades econômicas e técnicas induzem a transformações no universo biofísico, que por sua vez exerce efeitos sobre as primeiras. Neste processo, o território se requalifica pois o ambiente vem impor uma série de novas qualificações ao espaço. Isto é, as questões do ambiente recebem novas qualificações especializadas e diferenciadas segundo as funções ecológicas que recebe cada porção de território.

Para Mormont, trata-se da superposição dentro de um mesmo espaço de diferentes qualificações, sendo esta uma característica própria do território rural. Nele, o processo de desenvolvimento tem conduzido a um tipo de separação funcional entre o espaço agrícola relevante de uma lógica produtiva unifuncional, um espaço de floresta deixado em reserva e um espaço habitado. Neste quadro as questões do ambiente vêm impor uma série de novas qualificações relativamente heterogêneas: o mesmo espaço agrícola revelara no futuro ao mesmo tempo uma qualificação a título de proteção de recursos de água, a título de proteção de aves, a título de paisagem. Cada um vem qualificar o território dentro de registros especializados que dependem de um universo diferente, tanto simbólico como social. Em consequência disso, como o mesmo autor salienta, o espaço constitui-se num lugar de enfrentamento entre os usuários locais, que se podem valer de uma tradição cultural, de um direito de proximidade ou de um

¹ Margarita Rosa Gaviria, doutoranda do Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento e Agricultura (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista da Capes.
e-mail: gavidom@futurusnet.com.br

interesse econômico, e dos atores exógenos que reivindicam para eles interesses de pretensão universal ou global.

Contudo e como eu tenho observado em minha tese de doutorado, a superposição de qualificações dentro de um mesmo espaço não obedece apenas as funções ecológicas do espaço, há outros elementos que também intervêm na superposição de qualificações do espaço. É sobre esses elementos que definem posições e oposições num espaço rural que eu pretendo discutir. Assim como também, sobre as categorias sociais que representam as diversas posições e a maneira como se expressam estas posições. Para realizar este empreendimento me baseio nas reflexões que vêm sendo elaboradas em minha tese de doutorado.

Na tese eu analiso o processo social dinâmico de um assentamento do Incra (Taquari) em Paraty (Rio de Janeiro), criado em 1983 para beneficiar aos posseiros da fazenda Taquari; mas que por influência de fatores internos e externos ao mesmo, apresenta algumas peculiaridades que o diferenciam dos demais assentamentos do Incra na região. A ampliação das fronteiras do universo social de Taquari a raiz do fluxo migratório, deu lugar à pluralidade de referências espaciais. Nele convivem, além dos beneficiários do Incra, diversos atores sociais com formas de inserção social diferente.

Para abordar os elementos que incidem na qualificação dos espaços e as posições em relação a elas no universo social pesquisado, analiso as representações e usos do espaço por parte dos agentes sociais. Na medida em que, as representações são manipuladas para justificar as ações, as ações modificam as representações, e nessa relação entre ações e representações *do* espaço e *no* espaço, se constroem territórios. São representações diferenciadas que significam, entre outras, que a percepção social do ambiente não é feita somente de representações das limitações materiais ao funcionamento da economia, mas igualmente de juízos de valor e crenças (Diegues, 1998).

Neste sentido, empreendo a análise das representações do espaço apoiada no conceito de território. O território como está sendo concebido aqui, ultrapassa a idéia de lugar, ele delimita as fronteiras de uma prática social. Está acompanhado de um simbolismo pois alguns de seus componentes são materiais e outros imateriais (Barel, 1986).

Com base no conceito de território esboçado sumariamente acima, analiso os elementos em torno dos quais se constroem os territórios. Apóio-me no argumento de Wanderley (2000) e distingo quatro posições dos atores sociais no espaço. A socióloga sustenta que no campo de confrontos enfrentam-se três posições: a primeira posição é a destinação produtiva do meio rural. A segunda, associa o meio rural a uma melhor qualidade de vida a que pode aspirar a sociedade. Nesta posição os espaços rurais tornam-se espaços de consumo, voltados para funções de lazer e de residência, que vão do turismo rural até a ocupação do campo por meio de residências permanentes ou secundárias. Os espaços rurais deixaram de ser objeto de interesse, apenas dos agricultores e dos antigos habitantes do campo, para se tornarem "patrimônio" da sociedade, acessível a todos. E a terceira posição, situa os espaços rurais como bem coletivo, visto não só como lugar de moradia de boa qualidade, mas também como parte integrante do patrimônio ambiental a ser preservado. Além destas três posições, eu coloco a posição dos atores sociais que concebem o espaço rural como espaço de poder.

Portanto, poder, patrimônio, produtividade e consumo, constituem-se, como apresento sumariamente a seguir, nos elementos em que focalizo a atenção para o exame dos territórios e das posições dos agentes sociais neles.

1) O poder é um dos elementos em torno dos quais se constroem territórios em Taquari. É o poder de designar fronteiras e regras sobre o uso do espaço. Sendo que, há um poder de ordem institucional e outro de ordem social. Diferenças estas que se consubstanciam em territórios - administrativos e sociais - entre os quais há disputas. São disputas que acontecem porque cada

categoria social, ou nos termos de Bourdieu (1989), cada "classe" e "fração de classe", está envolvida numa luta puramente simbólica para impor uma definição do mundo social conforme a seus interesses. Elas impõem tomadas de posição ideológicas, que são estratégias de reprodução que tendem a reforçar dentro da classe e fora da classe a crença na legitimidade de dominação.

2) Patrimônio: Dentro da lógica de usos do espaço, outro elemento em torno do qual se constrói um território é o patrimônio. Patrimônio entendido como bem coletivo e corresponde ao cenário da natureza com o qual convivem os atores sociais num mesmo espaço. Sendo que os critérios de valor do "patrimônio" não são unânimes entre os atores sociais. Em Taquari, quando o espaço é concebido um patrimônio, os atores sociais lhe atribuem valores específicos e a partir deles se configuram regras e fronteiras para as práticas sociais no espaço. Dentre estes atores sociais abordo aqui as posições do Ibama e da localidade - que, de uma perspectiva relacional se opõem..

3) Produtivista: O uso do espaço como patrimônio ambiental, contrapõe-se ao espaço produtivo. A produtividade constitui-se, portanto, num outro elemento definidor de territórios dentro da lógica de usos do espaço. Na destinação produtiva do espaço rural se encaixam lavradores, comerciantes, prestadores de serviços e o Incra. A exceção do Incra - que apenas prega (não desempenha) um determinado uso produtivo - os outros atores sociais, embora de formas diferentes, realizam práticas produtivas no espaço.

4) Consumo: Os nascidos e criados e as pessoas de fora (turistas, residentes secundários, residentes permanentes) em geral, isto é, a população da localidade de Taquari, fixa e temporária, valoriza e se apropria do espaço como espaço de consumo. O consumo constitui-se portanto, num outro elemento definidor de territórios em Taquari. Desta posição, as subjetividades e representações destes espaços, elaboradas pelos atores sociais levam em consideração a proximidade com a natureza.

Então, poder, patrimônio, produtividade e consumo os abordo como elementos centrais em torno dos quais se posicionam as pessoas numa localidade do meio rural. Porém, com o que coloquei nestas líneas, não pretendo exaurir a discussão sobre o confronto entre diferentes usos do espaço no meio rural e o significado do ambiente nestas práticas. Em vez disso, chamo a atenção para a reflexão de um leque de questões instigantes, tais como: que elementos, além dos enunciados, intervem na construção de territórios? como se expressa socialmente a arbitrariedade de fronteiras sociais entre territórios? porque em algumas situações as diferenças na colocação num mesmo espaço se refletem em disputas e tensões, e em outras condiz com outras posições no espaço? Enfim, poderia estender-me numa série de questionamentos sobre o assunto, mas o espaço disponível para esta apresentação tem um limite e o meu esgotou .

BIBLIOGRAFIA

- Barel, Yves. *Le Social et ses territoires*. In Mirac, F & Brunet, R. *Espaces, jeux et enjeux*. Fondation Diderot. Fayard, 1986. p.: 129-139.
- Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- Diegues, Antonio. *O mito moderno da natureza intocada*. Hucitec, São Paulo, 1998
- Moreira, Roberto e Gaviria, Margarita Rosa: Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na comunidade de Taquari, In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, CPDA, Rio de Janeiro No. 18, 2002.
- Mormont, Marc. *L'environnement entre localit e et globalit e*. In: *Mobilit es et ancrages, vers un nouveau mode de spatialisation?* Paris, L'Harmattan, 1996.
- Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In *Estudos Sociedade e Agricultura*, n  15, 87-146, outubro, 2000.